

Eu, uma remanescente quilombola da Roma Negra [1]



Lindinalva Barbosa

"Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto emerge como um ato político." [2]

Nasci nesta cidade do Salvador no início dos anos de 1960, em Campinas de Pirajá, um lugar que só bem mais tarde, e por força da ação educativa do Movimento Negro, viria a descobrir que no passado era um grande quilombo, comandado por uma preta guerreira de nome Zeferina. Pensando por aí, posso dizer que já nasci quilombola, considerando que fui parida e amamentada em solo regado e fertilizado pela força vital de antepassadas/os que trouxeram da África os ingredientes fundamentais de formação deste país.

A partir deste território "remanescente de quilombo", fui constituindo as minhas experiências enquanto "resistente quilombola", aprendendo com a minha família e a vizinhança, a permanecer viva, sobrevivendo ao projeto antigo de extermínio do povo negro. Nesta empreitada, a determinação de minha mãe e meu pai, Isabel e Antônio Barbosa, em promover horizontes mais largos para seus filhos e filha, sobretudo através da educação, foram fundamentais para que eu conseguisse ultrapassar algumas fronteiras, e me tornar a primeira da família, de ambas as partes, a chegar à universidade. A escolha pelo estudo das Letras tem muitos significados que aqui neste texto inicial não caberia "desfiar", mas é certo que o mundo da literatura é uma das escolhas que me afetam de forma definitiva.

Lá pelos anos de 1980, encontrei-me com as principais escolas que alterariam definitivamente a minha vida: o movimento negro organizado e o candomblé. Estes encontros foram responsáveis por orientar a minha forma de ser e estar no mundo, e definiram as escolhas fundamentais da minha vida.

Nos finais desta década dos 1980, recebi o maior e mais bonito presente das mãos de Olodumare: o nascimento de minha filha Isabela, trazida à minha vida pelo axé de Ogum e Yemonja.

Neste mesmo período ingressei na UFBA, como técnica-administrativa, e, após alguns anos, mais precisamente em 1993, passei a exercer minhas atividades funcionais no CEAO – Centro de Estudos Afro-orientais da UFBA. Este foi um espaço em que, durante quase trinta anos, pude aprender muito, enquanto exercia minhas atividades funcionais (mas também políticas), sobre a re-existência, a história, a cultura e cosmogonias legadas pela África e seu povo sequestrado; sobre a diáspora, o povo descendente de africanas/os e as lutas que seguem urgentes até agora.

A partir da instalação do CEAO no Terreiro de Jesus, Centro Histórico de Salvador, em inícios dos anos 1990, pude experienciar, de forma mais próxima, a efervescência cultural afro-baiana que tinha, no espaço do Centro, uma afluência potente de intelectuais, ativistas, estudiosas/os, religiosas/os de matriz africana, estudantes, e etc ao prédio colonial da universidade, e que se constituía como um “espaço de acesso livre” à quase inacessível academia e ambiente universitário, por parte do público externo, muitas vezes constituído, sobretudo naquela época, por muitas/os não-letradas/os formalmente. Esta característica do CEAO, herdada das antigas instalações do bairro do Garcia, fazia do Centro aquilo que o saudoso Prof. Ubiratan Castro, um de seus diretores, chamou de “Casa dos Negros da Bahia”.

O Centro Histórico da Roma Negra funciona como um “território-escola” para minha formação em todos os níveis, e, provavelmente, o espaço da cidade, onde mais circulei durante um bom período destes quase sessenta anos de existência. Retomando a narrativa escreviente sobre as escolhas que fiz na vida, reconheço no cenário do Terreiro de Jesus e Pelourinho, muitas passagens de exercício da luta anti-racista (as gloriosas terças da benção dos anos 1980, eram aulas magníficas sobre negritude!), e os encontros com o meu amor pela literatura, marcadamente a literatura negra.

Inúmeros lançamentos de livros produzidos por escritores/as, poetas e estudiosas/os negrxs, ocorriam nos espaços do Centro Histórico. Tenho ainda marcado na memória o lançamento do livro de poemas de Jônatas Conceição da Silva, provavelmente em finalzinho dos anos 1980, que ocorreu num dos salões do imponente prédio da antiga Faculdade de Medicina, onde também está instalado o MAFRO. Inclusive, é quase certo que o lançamento de Outras Miragens do Engenho (1989) de Jônatas Conceição, tenha sido mediado pela direção do Museu Afro, que àquela época era vinculado institucionalmente ao CEAO. O livro da Profa. Ana Célia da Silva, A Discriminação do Negro no Livro Didático (1995), ocorreu numa apoteótica noite de lançamento no CEAO, no qual as pessoas precisaram fazer revezamento para entrar, de tão numeroso que foi o público presente.

Outra boa memória, foi a do lançamento do Cadernos Negros 19 – Melhores Poemas (1998), uma das edições históricas da Quilombhoje, ocorrida na Fundação Casa de Jorge Amado. Este lançamento foi a minha primeira experiência de organização de evento literário, coordenado pelo poeta e amigo/irmão, Lande Onawale. Muitas outras referências literárias e intelectuais transitaram e lançaram suas publicações nos espaços culturais do Centro Histórico, mas o CEAO foi, certamente, o lugar onde mais ocorreu eventos desta natureza, enquanto sediado no Terreiro de Jesus, entre os anos de 1990 e meados dos 2000. E eu, agradecida ao tempo e ao destino, pude participar e me alimentar muito deste processo.

Escrever para não esquecer, escrever sobre o que se vive. Este enunciado me vem agora, quando retomo estas memórias de caminhos trilhados até aqui; e também me apresenta o desafio de vencer pequenas guerras contra algumas verdades inventadas sobre pessoas negras, em especial sobre mulheres negras, notadamente as da minha geração. Mas estas, são outras conversas, que teceremos futuramente...

A literatura negra, como uma das minhas escolhas de vida, me fez caminhar, através de uma pesquisa acadêmica (2009), pela trajetória e obra literária de Abdias Nascimento. É também deste mergulho na obra de Abdias, que me reconheço e me assumo como uma remanescente quilombola da Roma Negra.

Nesta experiência de produção acadêmica, descobri que a arte pode ser, antes de qualquer outra coisa, ferramenta de libertação. E essa máxima, tem sido reafirmada por escritoras e escritores que leio e admiro, como a nossa agbá Conceição Evaristo, quando nos oferece a proposição de escrevivência.

Aqui, me encaminho para finalizar estas linhas de apresentação, depositando minha gratidão à Revista do MAFRO por esta oportunidade de exercitar, nas suas páginas, a reconstrução das minhas memórias e impressões sobre o mundo, através da literatura em movimento e que tem como força motriz a escrevivência guerreira e bonita da nossa gente. Longa vida à Revista do MAFRO! Vidas negras importam e têm direito à justa felicidade!

[1] Roma Negra, epíteto da cidade do Salvador, em referência à sua população majoritariamente negra. Esta denominação é atribuída à Mãe Aninha – Eugênia Anna dos Santos, yalorixá fundadora do Ilê Opô Afonjá, falecida em 1938.

[2] KILOMBA, OGrada. Memórias da Plantação – Episódios do racismo cotidiano/Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1.ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 28.

Lindinalva Barbosa é Olorixá Oyá do Terreiro do Cobre. Ativista do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras. Licenciada em Letras – UCSAL/2000 e Mestre em Estudo de Linguagens – UNEB/2009. Educadora com ênfase em Educação para as Relações Étnico-raciais e de Gênero